

ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE PSICOGENÉTICA

Autora: Patrícia Cilene Viegas Pereira Silva.

*UFRN / Especialista em Educação Infantil-UFRN / Secretaria Municipal de Educação de Ceará-Mirim/RN
patriciacvps@gmail.com*

Co-Autora: Ivoni Soares Alves.

*UVA/ Especialista em Educação Infantil-UFRN
educacionepreciso@gmail.com*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a M^a Estela Costa Holanda Campelo

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Programa de Pós-Graduação em Educação Linha de Pesquisa: Educação, Currículo e Práticas Pedagógicas
E-mail | estelacampelo@hotmail.com*

RESUMO

Este artigo aborda a aquisição da linguagem escrita pela criança. Investiga a linguagem escrita através da psicogênese da língua escrita abordada por Ferreiro e Teberosky. Para iniciarmos a análise recorreremos a pesquisa bibliográfica compondo o quadro teórico. Na pesquisa de campo, utilizamos uma coleta de produções de escrita espontânea fazendo uma sondagem diagnóstica. Usamos como aporte teórico os estudos Ferreiro (1985). O estudo foi desenvolvido numa escola pública municipal de educação infantil e ensino fundamental da cidade de Ceará-Mirim-RN, foram coletadas produções de escrita na turma do Nível IV e nas turmas de 1º ao 3º ano do ensino fundamental, sendo dois alunos por turma. Os dados da pesquisa apontam que por meio dessa análise se faz necessário repensar sobre a prática pedagógica para melhor conceber alfabetização, pois é necessário promover e desenvolver um trabalho sistemático com a linguagem escrita, desde a Educação Infantil. Mediante uma concepção construtivista em que a criança seja entendida como sujeito pensante e atuante, onde o professor alfabetizador se torne o facilitador da construção do conhecimento, possibilitando em sua prática situações problemas que estimulem o pensamento, a linguagem e assim cheguem na representação que é a escrita. Constatamos que será necessária uma reflexão junto ao corpo docente da instituição para buscarmos a reorganização de ações pedagógicas que possibilitem a construção do conhecimento e assim possamos vivenciar novas práticas. Após análise, compreendemos a importância de concebermos a psicogênese da língua escrita apresentada por Ferreiro como material de direcionamento para as práticas didático-pedagógicas que buscam consolidar a alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização, Psicogênese da Língua Escrita, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de duas vertentes que se entrelaçam, a alfabetização de crianças e a psicogênese da língua escrita, em busca de contribuir para a organização do trabalho pedagógico da Escola Municipal João Gabriel de Oliveira situada na área rural de Ceará-Mirim/ RN, onde atuamos na função de suporte pedagógico, somos interessados em aprofundar estudos no âmbito da Psicogênese da Língua Escrita, para melhor contribuir com a prática pedagógica e formação dos alfabetizadores local, segundo a perspectiva de Emília Ferreiro e colaboradores. O estudo tem como eixo central de sua organização um relato da análise sobre o Diagnóstico Psicogenético de escritas de alfabetizandos, onde o público alvo são crianças de 5 a 8 anos de idade, desde o Nível IV da Educação Infantil até o 3º Ano do Ensino Fundamental I.

Os níveis de conceitualização da escrita proposto na teoria psicogenética de Emília Ferreiro e Ana Teberosky se constitui em um Sistema de Notação Alfabética, desta feita estamos propondo uma sondagem sob a ideia de que o conhecimento do aluno é construído na sua interação com o objeto de conhecimento, num processo mediado pelo outro – o professor e os demais alunos – e pelo signo linguístico.

O estudo em questão é de grande relevância social e/ou científica, pois provoca o repensar da prática pedagógica e amplia o entendimento de formação dos professores alfabetizadores acerca da aquisição da língua escrita para a consolidação da alfabetização pela criança, percebendo a importância deste processo desde a pré-escola na Educação Infantil, e compreende o desenvolvimento do pensamento e linguagem como possibilidade de uma eficácia no desenvolvimento da linguagem escrita, em que estudos e pesquisas apontam que a leitura e a escrita, apesar de caminharem por vias diferentes, mas a escrita instrumentaliza a fala, permitindo que da mesma forma que a fala se torna produto final do pensamento, a escrita se torna produto da fala, por ser uma escrita grafo fônica. Estudiosos de diversas áreas do conhecimento busca soluções para o analfabetismo, deste modo, a nossa questão que norteia esta pesquisa é: Como se encontra o desenvolvimento conceitual da língua escrita pelas crianças de 5 a 8 anos de idade, nesta Unidade Escolar?

A partir dessa questão, o presente estudo, conseguiu obter resultados consideráveis nos níveis de conceitualização da linguagem escrita pela criança, que nos dará respaldo para estabelecer uma organização pedagógica, proporcionando momentos de formações em serviço para que a Alfabetização seja contemplada dentro de uma concepção em que a escrita seja concebida como

sistema de representação, tendo assim uma aprendizagem conceitual e não uma aquisição técnica, de modo a proporcionar práticas pedagógicas consistentes que busquem a consolidação da alfabetização. Seguiremos após essa abordagem com o objetivo do nosso estudo, situando a metodologia utilizada.

METODOLOGIA

A pesquisa vem relatar, uma análise das produções espontâneas de escritas de dois alfabetizandos de cada turma, do nível IV até o 3º ano, da instituição de ensino Escola Municipal João Gabriel de Oliveira que trabalha com Educação Infantil e Ensino Fundamental I, e verificaremos o nível de conceito alfabético de cada criança que se encontra dentro deste processo de alfabetização.

Elaborar, testar e aplicar um instrumento de Sondagem Diagnóstica dos níveis de conceitualização da escrita nos alfabetizandos e em seguida analisarmos os resultados das produções escritas das crianças evidenciando o nível em que se encontra cada criança neste processo alfabético, percebendo assim a evolução da língua escrita na perspectiva psicogenética de Ferreiro e Ana Teberosky e colaboradores, que nos darão aporte teórico-metodológico para fundamentar as análises das produções de escrita pelos referidos alunos.

Tendo como aporte teórico da prática – o paradigma psicogenético de construção do conhecimento da língua escrita –, o suporte pedagógico poderá planejar as suas intervenções e poderá promover momentos de estudos que possam ampliar os conhecimentos teóricos metodológicos que enriquecerá as práticas pedagógicas do professor, a partir do conhecimento do que sabem/pensam seus alunos sobre o objeto de conhecimento da alfabetização – a língua escrita. Todavia, “sem um conhecimento, pelo menos básico, da Psicogênese da Língua Escrita, não é possível descobrir o que sabem e o que não sabem os alunos” (PROFA/MEC – BRASIL, 2001).

A metodologia seguiu numa pesquisa descritiva em que aplicamos o Instrumento de ‘Sondagem Diagnóstica’ que poderão ajudar futuramente os alfabetizadores a reorganizar as práticas didático-pedagógicas, local, centrada numa perspectiva construtivista que favoreça a escrita espontânea como princípio de investigação para reflexão de sua ação.

De acordo com Emília Ferreiro (1985, p.16):

A Produção Espontânea é aquela que não é o resultado de uma cópia imediata ou posterior; portanto, a Escrita ou Produção

Esponânea é aquela em que o alfabetizando escreve como sabe, escreve do seu jeito, o que não significa escrever de qualquer jeito, para autora, os indicadores mais claros das explorações que os alfabetizandos realizam para compreender a natureza da escrita – são as suas Produções Espontneas.

Organizamos uma pequena lista de quatro palavras após um diálogo para estabelecer vínculos contextuais e segui as seguintes características: a 1ª palavra polissílaba; a 2ª trissílaba; a 3ª dissílaba e a 4ª monossílaba, evitando-se, logo no início da atividade, possíveis conflitos dos alfabetizandos com hipóteses anteriormente construídas e ainda vigentes. Como por exemplo, há situações em que o alfabetizando já escreve silabicamente, mas “[...] a hipótese silábica pode criar suas próprias condições de contradição: contradição entre o controle silábico e a quantidade mínima de letras que uma escrita deve possuir para ser “interpretável”. Conforme vimos, esse tipo de conflito acontece em decorrência da não reconstrução, ainda, do eixo quantitativo da hipótese pré-silábica, apesar da construção emergente da hipótese silábica no eixo quantitativo que “[...] se exprime na descoberta de que a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes (inicialmente, suas sílabas) que se reconhece na emissão oral”. (FERREIRO, p. 24-25)

Evitamos repetição das letras nas palavras da lista organizada, como precaução de conflitos com a hipótese da variedade de caracteres, que se configura como decorrência típica da construção no eixo qualitativo da hipótese pré-silábica. E tivemos cuidado para que a frase a ser ditada contenha, pelo menos, uma das palavras da lista, para que possamos observar se há estabilidade na escrita da mesma palavra em diferentes contextos. Entregamos uma folha de papel em branco a cada participante e solicitamos a cada um deles que escreva como sabe – Produção Espontnea –, os nomes das palavras, à medida que fosse ditando para eles.

Uma LISTA é uma série de palavras que pertencem a um mesmo campo semântico. Por exemplo, uma lista de compras; dos ingredientes de uma receita; dos animais do Jardim Zoológico; do material escolar; das partes do corpo; das coisas gostosas que tinha no aniversário etc. Desta feita, ditamos as palavras sem escondê-las, ou seja, ditá-las sem marcar oralmente as sílabas das palavras, evitando-se a influência do ditado silabado na própria leitura do alfabetizando e pedimos que o alfabetizando (individual, separadamente e imediatamente após a sua produção) leia – apontando na escrita – letras, sílabas e/ou palavras – e iria registrando.



Registramos a escrita e a leitura do alfabetizando e outras informações que consideramos relevantes, numa folha de papel à parte. Recolhemos todas as escritas e analisamos os níveis de produção da escrita das crianças percebendo em que período de aquisição se encontra cada criança em sua faixa etária de idade e escolaridade, fundamentando a análise nos estudos da Psicogênese da Língua Escrita, realizados por Emília Ferreiro e colaboradores.

E para melhor compreender a fundamentação teórica utilizada, consideramos pertinente apresentar uma parte do aporte teórico que fizemos uso norteando essa investigação psicogenética sobre a língua escrita e que têm a teoria de Emília Ferreiro como principal referência.

ALFABETIZAÇÃO: AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA.

O processo de alfabetização faz parte de estudos e pesquisas sobre como os conhecimentos da língua escrita são adquiridos pela criança. Alfabetizar letrando é um dos grandes desafios atuais pelo fato de se faz necessário reconhecer a criança como protagonista de sua história, onde os meios sociais precisam fazer parte do mundo infantil nessa construção da aprendizagem da escrita. As transformações no mundo através do sujeito ativo e reflexivo, que desta feita é entender que desde a Educação Infantil precisamos contemplar uma prática educativa que conceba a criança como um indivíduo atuante sobre o meio envolvido, agi e reagi sobre o mundo, e por isso se faz necessário compreender como a aprendizagem da escrita é concebida por ele.

Para Ferreiro a escrita espontânea possibilita visualizar a representação simbólica da escrita pelo alfabetizando, escreve como sabe, escreve do seu jeito, o que não significa escrever de qualquer jeito. “Quando uma criança escreve tal como acredita que [...] deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado” (FERREIRO, 1985, p.16-17). Ferreiro ainda nos ensina que “[...] os indicadores mais claros das explorações que os alfabetizandos realizam para compreender a natureza da escrita – são as suas Produções Espontâneas”.

A Psicogênese da língua escrita apresenta três grandes períodos indicadores da evolução dos aspectos construtivos da escrita infantil, sendo eles:

1º Período da Escrita: distinção entre a representação icônica e não-icônica; constituição das cadeias de letras como objetos-substitutos;

2º Período da Escrita: construção de modos de diferenciação: intrafigurais ou intrarelacionais; e interfigurais ou inter-relacionais;

3º Período da Escrita: fonetização da escrita.

Inicialmente, todas as produções do alfabetizando, decorrentes das construções do 1º e 2º períodos de conceitualização da escrita, apesar de distintas entre si, são norteadas por uma hipótese básica – a pré-silábica – segundo a qual, o alfabetizando ainda não relaciona a escrita com a oralidade; portanto, suas produções ainda não estão reguladas por diferenças ou semelhanças entre os significantes sonoros. “As crianças não empregam seus esforços intelectuais para inventar letras novas: recebem a forma das letras da sociedade e as adotam tal e qual. Por outro lado as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as escritas e é isso que caracteriza o período seguinte”. FERREIRO (1992, p.20)

Na hipótese pré-silábica as crianças passam um período de sua infância construindo hipótese que determinam o conceito de desenho e escrita, para isso problematiza acerca do que está a sua volta e constrói significados, problematizam até conseguirem diferenciar a produção icônica, da não icônica, quando isso acontece o alfabetizando chega ao conceito de diferenciação entre desenho e escrita, mas não como escrita convencional, ou seja, apenas diferencia marcas gráficas figurativas e as não figurativas, em que seu grafismo já constitui objeto e consegue perceber que desenho e escrita são distintos, ou seja, o traçado gráfico que representa objeto diferencia do grafismos que representa nome, não distinguindo letra de número. ”Distinguir entre desenhar – marca gráfica figurativa – e escrever – marca gráfica não figurativa – bem como entender a escrita, as letras como objetos substitutos são aquisições fundamentais na construção do processo psicogenético de alfabetização da criança” (FERREIRO, 1995; TEBEROSKY, 1991).

No segundo período dessa construção da escrita, ainda na hipótese pré-silábica, o grafismo se apresenta de modo progressivo nas variações sobre os eixos quantitativos e qualitativos, em que o alfabetizando agora se utiliza de formas convencionais da escrita no que concerne a ordenação linear, mas antes de chegar a esta fase em que a letra se constitui um objeto substitutivo, o alfabetizando vivencia um período de transição, em que considera as letras como objetos-em-si, para, gradativamente, passar a considerá-las como objetos-substitutos. “E esses critérios de diferenciação são, inicialmente, intrafigurais e consistem no estabelecimento das propriedades que um texto deve possuir para poder ser interpretável, ou seja... possível significação” (FERREIRO, 1992, p. 20).



O terceiro período que se trata da fonetização da escrita, será dividido em níveis que Ferreiro nomeia da seguinte forma:

1º Nível Silábico: tentativa de dar valor sonoro a cada letra que compõe uma escrita;

2º Nível Silábico-Alfabético: abandono da hipótese silábica pela necessidade que percebe de fazer relação sonoro com a quantidade mínima de grafia;

3º Nível Alfabético: consegui sistematicamente realizar uma análise sonora dos fonemas ao escrever.

Segundo Ferreiro esse período de fonetização da escrita é uma aquisição fundamental que marca a viragem do processo de alfabetização, pelo salto qualitativo que representa, pois neste momento as crianças começam a perceber a relação mais precisa entre a grafia e o som. E o primeiro subnível corresponde a Hipótese silábica com a Escrita silábica, nesse momento, a criança manifesta sua compreensão acerca da relação som/grafia, representando cada sílaba da palavra com um grafema. Todavia, A hipótese silábica pode aparecer com grafias ainda distantes das formas das letras, tanto como com grafias bem diferenciadas. Neste último caso, as letras podem ou não ser utilizadas com um valor sonoro estável.

A escrita silábica sem valor sonoro convencional é marcada pelo eixo quantitativo, acontece quando, na sua escrita, a criança não utiliza vogais ou consoantes da escrita formal da palavra representada, pois o seu entendimento está na quantidade de letras quantas sílabas possui a palavra, mas qualquer letra para qualquer sílaba” (FERREIRO, 1987, p. 94). Temos também com o valor sonoro convencional quando vogais e/ou consoantes da escrita são utilizadas na produção do alfabetizando, temos a escrita silábica com valor sonoro convencional, “[...], mas dentro de um sistema silábico”, marcando a construção no eixo qualitativo.

O nível silábico-alfabético do 3º período em que a fonetização silábica já se faz presente, o alfabetizando ao perceber que grafemas e fonemas fazem relação, começam a conflitar a hipótese silábica que marca a transição para este novo nível, onde a construção da escrita estará fazendo as exigências do quantitativo de grafias, devido os conflitos surgidos pelas realidade exterior e buscas internas. Segundo Emília Ferreiro esse conflito se evidencia com o nome próprio.

A evolução da escrita vai finalizar com a consolidação do último nível que é o alfabético, onde a criança passa a fazer a relação real sistematicamente do grafema e fonema, estabelecendo análise sonora dos fonemas das palavras. Segundo Ferreiro (1991, p. 213)“ a partir desse momento

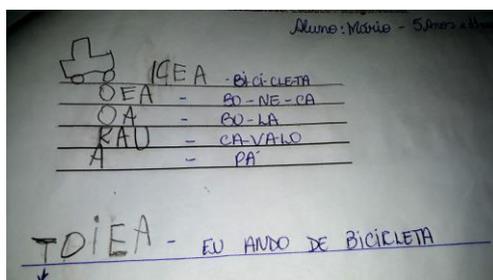
a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito.”

Diante do exposto iremos discorrer a análise da sondagem psicogenética, sob modo de utilizar o referido aporte teórico, que nos dará condições de analisar os escritos das crianças, a qual realizamos a pesquisa.

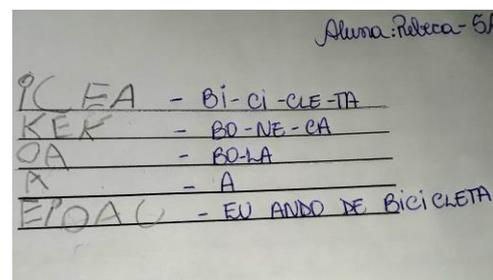
ANALISANDO AS ESCRITAS ESPONTÂNEAS

A coleta da sondagem diagnóstica psicogenética foi realizada na Escola Municipal João Gabriel de Oliveira, na área rural de Ceará-Mirim/RN, com crianças de 5 anos a 8 anos de idade, alunos que cursam desde o Nível IV da Educação Infantil até o 3º Ano do Ensino Fundamental I, o espaço utilizado foi a sala de leitura da referida escola e aproveitamos para perguntar as mesmas se gostavam de ler e ouvir histórias. Infelizmente tivemos relatos de crianças que nunca haviam ido àquela sala, educandos do ensino infantil relataram que não sabiam ler, mas viam as figuras quando a professora contava uma história para a turma e em seguida mostrava o livro. As do Ensino Fundamental I também disseram que não visitavam aquele ambiente e quando a professora contava alguma história era na sala de aula, e a mesma mostrava as figuras, ou seja, o contato dessas crianças com os livros de histórias é o mínimo possível.

A coleta ocorreu em dupla, com alunos da mesma idade e série, ao mesmo tempo, ambos distante um do outro, e antes de iniciarmos a lista de palavras em todos os analisados buscamos fazer uma conversa prévia acerca do que iria acontecer naquele espaço. E nesta análise estaremos colocando nomes fictício nas crianças que participaram dessa sondagem, afim de resguardá-las de qualquer constrangimento.



Mário- N. IV/Idade= 5 Anos e 11 meses.

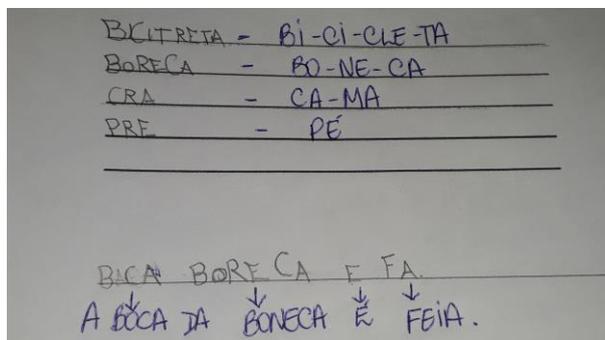


Rebeca- N. IV/Idade= 5 Anos e 11 meses.

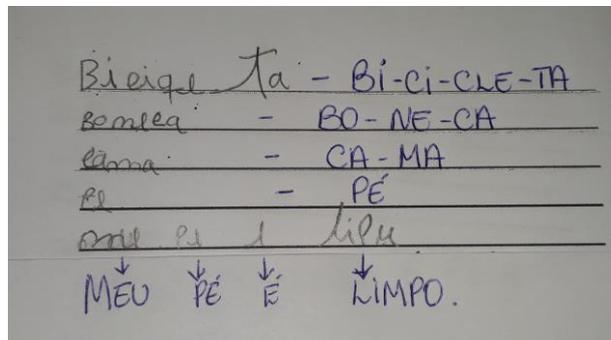
As escritas acima são de crianças do nível IV, idade de 5 anos e 11 meses. O campo semântico: brinquedos. O aluno Mário e a aluna Rebeca mostram estarem no 3º período de conceituação da língua escrita, no nível silábico, porém ao escrever a frase, logo os conflitos cognitivos aparecem, mostrando está na hipótese silábica, onde atribui para cada letra um fonema,

expressando-se no eixo qualitativo, pois faz correspondência entre a forma de escrita e a expressão sonora, constituindo uma escrita silábica, cuja as vogais tem valor sonoro convencional.

As escritas abaixo são de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I com idade de 6 anos. A lista de palavras se deu no campo semântico: brinquedos.



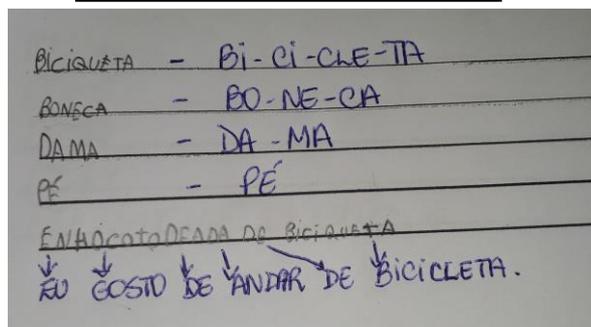
Bárbara- 1º ANO/Idade= 6 Anos e 11 meses.



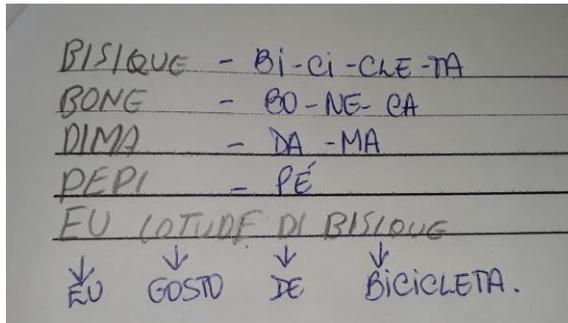
Júlia- 1º ANO/Idade= 6 Anos e 11 meses.

O registro de Bárbara e Júlia mostra que estão no 3º período da escrita, que é a fonetização, fazendo relação grafia e som, hipoteticamente silábica, mas em conflitos cognitivos diferentes, pois a Bárbara momento parece estabelecer relação grafema e fonema, mas na palavra “pé”, parece não admitir palavras monossílabas, mesmo levada a ler não quis fazer nenhuma modificação, exerce critérios intrafigurais em que a palavra só terá significado a partir de três letras, num eixo quantitativo, com uma escrita silábica, letras de forma convencional, mas alguns momentos sem o valor sonoro convencional. Esses conflitos que desestabilizam essa hipótese silábica, segundo Ferreiro(1992), marcam a transição do nível silábico para o silábico-alfabético. A produção de Júlia mostra que esses conflitos já foram superados e se encontra na hipótese silábico-alfabético enfrentando conflitos qualitativos, pois seus problemas são ortográficos, desta feita sua escrita é alfabética não ortográfica.

William- 2º ANO/Idade= 7 Anos e 6 meses.



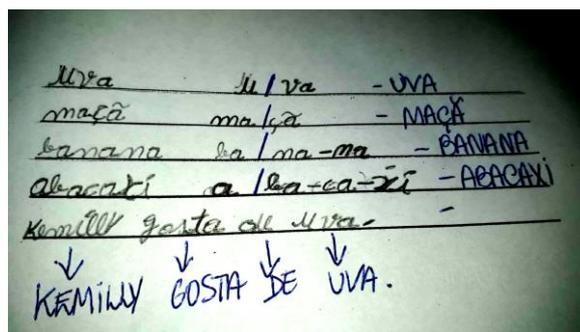
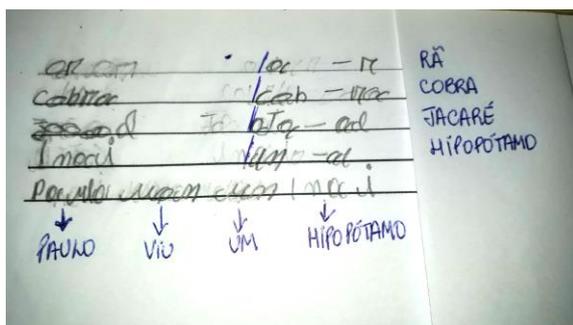
Fabiana- 2º ANO/Idade= 7 Anos e 8 meses.



As escritas acima são de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I com idade de 7 anos. A lista de palavras se deu no campo semântico: brinquedos.



As produções de escrita do William mostra está construindo hipótese silábica-alfabética e sua escrita é alfabética não ortográfica, enquanto que Fabiana se encontra em hipótese silábica, pois momento parece estabelecer relação grafema e fonema, mas na palavra “pé”, parece não admitir palavras monossílabas, mesmo levado a ler não quis fazer nenhuma modificação, exerceu critérios intrafigurais em que a palavra só terá significado a partir de três letras, fazendo critérios dentro de um eixo quantitativo, e em outro momento mostrou presença no eixo qualitativo, fazendo relação grafia e som, estabelecendo uma escrita silábica, com letras de forma convencional, mas momentos sem o valor sonoro convencional. Esses conflitos que desestabilizam essa hipótese silábica, segundo Ferreiro (1992), marcam a transição do nível silábico para o silábico-alfabético.



As escritas espontâneas acima são de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental I. As escritas são bem distintas, a primeira Izabelly faz relação grafia e som, mas mostra está em conflito no eixo qualitativo em hipótese silábica, mostrando uma escrita silábica-alfabética, apresentando a letra em alguns momentos sem valor sonoro convencional. O aluno Pedro está no último nível de evolução da escrita alfabética, que se constitui alfabetizado, pois escreve fazendo perfeitamente a relação grafia e só e sua escrita mostra bastante estabilidade grafo fônica, utilizando corretamente as letras nos valores convencionais de linguagem. E aqui encerramos a coleta de produções espontânea, a qual foi analisada pela teoria psicogenética de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.



CONCLUSÃO

Analisar produções escritas de alfabetizandos, foi uma experiência que nos trouxe uma reafirmação acerca da representação que a escrita tem acerca da linguagem, e ainda perceber que pensamento, linguagem e escrita são caminhos diferentes, mas que por momentos de grande apogeu psíquico se entrelaçam originando o processo de alfabetização, em que a criança em sua condição constrói conhecimento através deste objeto de conhecimento. Através da psicogênese da língua escrita, poderemos comprovar junto aos professores da referida instituição que o desenvolvimento de aprendizagem da criança acontece de modo mais amplo que se faz necessário repensar a prática pedagógica existente na Escola Municipal João Gabriel de Oliveira, a qual fizemos a coleta de dados.

Constatamos que as crianças estão em sua maioria por muito tempo em apenas uma hipótese conflitante, sendo poucos a alcançarem um nível seguinte, desta feita, se faz necessário repensar sobre a organização pedagógica em virtude de melhorar as práticas didático-pedagógicas, sendo assim necessário repensar o papel do professor nesse contexto em que o aluno é o construtor da sua história, sujeito cognoscente, sendo o alfabetizador um facilitador da aprendizagem.

A psicogênese da língua escrita consegui mostrar através das análises que o processo de alfabetização, dentro de uma perspectiva construtivista em que o foco é como a criança aprende, a escrita como objeto do conhecimento tem condições de ser melhor explorada pelos professores e alunos, desta feita esperamos sensibilizar os alfabetizadores desta instituição para que assim possamos com novas práticas pedagógicas avançar no desenvolvimento da aprendizagem da língua escrita pela criança.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Educacional Brasileiro. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: manual do pacto. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf. Acesso : 2017.

CAMPELO, M^a Estela Costa Holanda. **Psicogênese da Língua Escrita**: referência fundamental para a compreensão do processo de alfabetização. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FERREIRO, Emilia. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: FERREIRO, Emilia (Org.). Reflexões sobre alfabetização. Tradução Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

_____. Processos de aquisição da língua escrita no contexto escolar. In: FERREIRO, Emilia (Org.). Reflexões sobre alfabetização. Tradução Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985a.

_____. Alfabetização em processo. Tradução Maria Antônia Cruz Costa Magalhães, Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

_____. Psicogênese da língua escrita. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985a.

TEBEROSKY, Ana. Psicopedagogia da linguagem escrita. Tradução Beatriz Cardoso. 4. ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEISZ, Telma. Prefácio. In: FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. Tradução Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.